



Especulação em torno da palavra homem

Carlos Drummond de Andrade

Mas que coisa é homem,
que há sob o nome:
uma geografia?
um ser metafísico?
uma fábula sem
signo que a desmonte?
Como pode o homem
sentir-se a si mesmo,
quando o mundo some?
Como vai o homem
junto de outro homem,
sem perder o nome?
E não perde o nome
e o sal que ele come
nada lhe acrescenta
nem lhe subtrai
da doação do pai?
Como se faz um homem?
Apenas deitar,
copular, à espera
de que do abdômen
brote a flor do homem?
Como se fazer
a si mesmo, antes
de fazer o homem?
Fabricar o pai
e o pai de outro pai
e um pai mais remoto
que o primeiro homem?
Quanto vale o homem?



Menos, mais que o peso?
Hoje mais que ontem?
Vale menos, velho?
Vale menos, morto?
Menos um que outro,
se o valor do homem
é medida de homem?
Como morre o homem,
como começa a?
Sua morte é fome
que a si mesma come?
Morre a cada passo?
Quando dorme, morre?
Quando morre, morre?
A morte do homem
conselha a goma
que ele masca, ponche
que ele sorve, sono
que ele brinca, incerto
de estar perto, longe?
Morre, sonha o homem?
Por que morre o homem?
Campeia outra forma
de existir sem vida?
Fareja outra vida
não já repetida,
em doido horizonte?
Indaga outro homem?
Por que morte e homem
andam de mãos dadas



e são tão engraçadas
as horas do homem?
Mas que coisa é o homem?

Tem medo da morte,
mata-se, sem medo?
Ou medo é que o mata
com punhal de prata,
laço de gravata,
pulo sobre a ponte?

Por que vive o homem?

Quem o força a isso,
prisioneiro insonte?

Como vive o homem,
se é certo que vive?

Que oculta na fronte?

E por que não conta
seu todo segredo

mesmo em tom esconso?

Por que mente o homem?

Mente mente mente
desesperadamente?

Por que não se cala,
se a mentira fala,

em todo que sente?

Por que chora o homem?

Que choro compensa
o mal de ser homem?

Mas que dor é homem?

Homem como pode
descobrir que dói?

Há alma no homem?

E quem pôs na alma
algo que a destrói?

Como sabe o homem

o que é sua alma
e o que é alma anônima?

Para que serve o homem?

para estrumar flores,

para tecer contos?

Para servir o homem?

Para criar Deus?

Sabe Deus do homem?

E sabe o demônio?

Como quer o homem

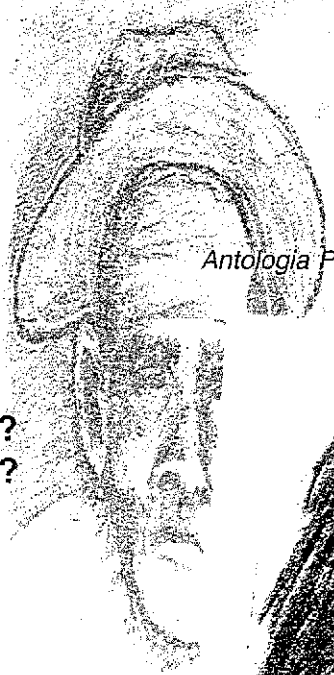
ser destino, fonte?

Que milagre é o homem?

Que sonho, que sombra?

Mas existe o homem?

Antologia Poética. Carlos Drummond de Andrade. São Paulo : Abril Cultural, 1982. pp.182-185.





A educação para a participação

Juan E. Diaz Bordenave

Como os demais processos sócio humanos, a participação é suscetível de crescimento de tipo biológico. Ela pode ser aprendida e aperfeiçoada pela prática e a reflexão.

A qualidade da participação se eleva quando as pessoas aprendem a conhecer a sua realidade; a refletir; a superar as contradições reais ou aparentes; a identificar premissas subjacentes; a antecipar conseqüências; a entender novos significados das palavras; a distinguir efeitos de causas, observações de inferências e fatos de julgamentos. A qualidade da participação aumenta também quando as pessoas aprendem a manejar conflitos; clarificar sentimentos e comportamentos; tolerar divergências; respeitar opiniões; adiar gratificações.

A qualidade é incrementada quando as pessoas aprendem a organizar e coordenar encontros, assembléias e reuniões; a formar comissões de trabalho; pesquisar problemas; elaborar relatórios; usar meios e técnicas de comunicação.

Como se pode ver, a agenda da capacitação para a participação não é simples. A vantagem é que estas coisas não se adquirem numa sala de aula, mas na chamada praxis, que é um processo que mistura a prática, a técnica, a invenção e a teoria, co-

locando-as ao serviço da luta pelos objetivos do povo.

E depois vem o que a educação deve ensinar a rejeitar. Na aprendizagem da participação, o aprendiz fica sabendo como detectar tentativas de manipulação, sintomas de dirigismo e de paternalismo; a superar a improvisação, o espontaneísmo e a demagogia; a distinguir a verdadeira participação da simples consulta ao povo.

Evidentemente, o tipo de educação que pode fomentar estes tipos de aprendizagem não pode ser a educação tradicional, quer consista na transmissão pura e simples de conteúdos, quer na moldagem do comportamento humano em prol de objetivos preestabelecidos.

A participação não é um conteúdo que se possa transmitir, mas uma mentalidade e um comportamento com ela coerente. Também não é uma destreza que se possa adquirir pelo mero treinamento. A participação é uma vivência coletiva e não individual, de modo que somente se pode aprender na praxis grupal.

Parece que só se aprende a *participar, participando*.



Agregação e Natureza Consciência

O homem é o único animal que modifica a natureza, muitas vezes de forma irreversível. Faz isso desde que aprendeu a construir sua casa, cultivar alimentos, domesticar animais e explorar minerais. A sociedade moderna intensifica de tal forma esse processo que compromete a vida no planeta. O objetivo? Aumentar o lucro – o que faz todo sentido no modelo social capitalista.

Ao mesmo tempo, cresce a tomada de consciência ecológica e se desenvolve a legislação ambiental. Em algumas regiões, a destruição vem sendo interrompida ou mesmo revertida. O conhecimento de que as substâncias descartadas, que poluem o meio ambiente, são matérias-primas e energia desperdiçadas faz a reciclagem ganhar espaço. Processos industriais limpos – por exemplo, com o uso de filtros para evitar a poluição atmosférica – podem até significar economia para as empresas.

Os interesses econômicos imediatos, no entanto, continuam a estimular agressões ao ambiente, muitas vezes com a conivência dos órgãos públicos e dos meios de comunicação. A saúde do planeta depende de uma ampla mudança de mentalidade. É preciso exigir investimentos de grandes proporções na prevenção de

acidentes ambientais e em tecnologias para a utilização racional de energia e água e para a redução do descarte de efluentes.

A Revolução Industrial acelerou a degradação da natureza, com o uso de combustíveis fósseis (principalmente carvão, hoje petróleo e gás). O crescimento das áreas cultivadas e a extração mineral destruíram vegetações nativas e florestas. Com a sequência, os rios foram afetados, com redução do volume e da qualidade das águas. Muitas espécies animais e vegetais foram extintas. As áreas foram destruídas em nome da industrialização e do crescimento.

Industrialização em São Paulo no início do século XX: vista do Bixás, 1940, com o moinho Manangela das indústrias Matarazzo, em primeiro plano.

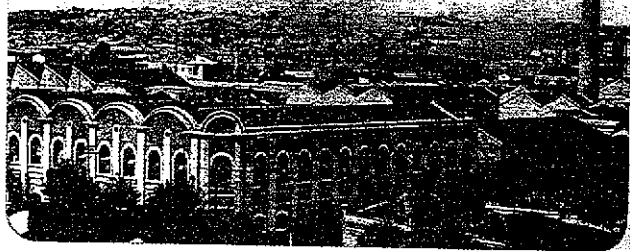


Foto: Acervo Iconographia

Trecho extraído do texto O que Agride a Natureza, Agride o Homem, de 2000, da Cartilha "Trabalho e Meio Ambiente" da CUT- RJ, encontrado no site: www.sindipetro.org.br

Curso / Ricardo



Trabalhador Também Aprende

Eita povo malvado, eu vivia na escuridão, até um tal de quadro, que chegou na minha mão. Era um tal de quadro I, quadro II e quadro III, era quadro pra lá, quadro pra cá, quadro para mostrar isso, quadro para mostrar aquilo. Pobre cabecinhas! Parecia que ia estourar, diante de tanta confusão, mas depois foi clareando com a orientação da nossa professora, que com dedicação está nos orientando, não porque tem um salário para receber no final do mês, mas para formar cidadãos.

Ela muito se esforça e tem o poder de fazer fluir dentro de nós o desejo da construção, das nossas dúvidas e indecisões, nos conduz ao magnífico resultado das conclusões, também nos leva a ampliar as dimensões dos nossos objetivos, com suas reações.

Confesso que para minha surpresa, agora sou independente para leitura de quadros, é só tê-los na minha frente. Pareceu-me complicado, mas agora estou contente, entendo muito bem o que é feito da renda da gente, se concentra nas mãos de poucos, onde nós a maioria, ficamos na miséria, com tão pequena quantia.

Na verdade a nossa riqueza, somente Deus é quem dá, saúde e disposição para poder trabalhar, vendendo a nossa força em troca de poucos reais, meu amigo abra seus olhos, isso também é demais.

Descruza estes teus braços, levanta desta cadeira, a coisa é muito séria, não é para brincadeira. Precisamos ir à luta, buscar uma associação, eu acho que o sindicato, é início da solução, unindo as nossas forças com a dos nossos companheiros, vamos fazer algo

pelo povo brasileiro. Se somos a maioria, podemos dar uma lição, a esta pequena minoria que tem a concentração da renda e das riquezas que circulam na nação, passando por cima de nós falamos de libertação, onde quem está reinando é a exploração.

Eles vão ter o troco, não perde quem esperar, e junto com nossa classe, começar a acreditar que este tal de quadro, assim não vai continuar, persistindo nas nossas lutas a gente chegará lá.

É passo a passo e com muita sabedoria, precisamos ter cautela e esperar nosso dia, vem aí a eleição, quem

sabe, uma boa oportunidade de dar uma resposta, para tamanha maldade.

Vou convidá-los companheiros a tomar uma decisão, unir as nossas forças, em defesa desta nação. Eu

hoje sou outro homem, graças ao Integração, projeto abençoado, que chegou em nossas mãos, de graça sem cobrar nada, está aí a construção de homens conscientes dos problemas da nação. Brasil eu te amo, de ti não desisto não.

QUADRO III DISTRIBUIÇÃO DA RENDA TOTAL NO BRASIL POR DECS (1950-59)
POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA COM RENDA

	1950	1955	1960	1965
População total	1.17	1.16	1.16	1.16
População economicamente ativa com renda	2.32	2.75	2.95	2.95
Salários	3.02	3.00	2.95	2.95
Aluguel	4.64	5.04	5.07	5.04
Quanto	5.15	5.17	5.15	5.17
Outros	7.84	7.71	7.71	7.71
Total	10.63	10.97	10.88	10.87
Porcentagem	14.82	15.15	15.36	15.27
Total	31.60	36.11	37.23	36.01

(Fonte: IBGE, Censo de 1950, 1955, 1960 e 1965)

(Fonte: IBGE, Censo de 1950, 1955, 1960 e 1965)

(Fonte: IBGE, Censo de 1950, 1955, 1960 e 1965)

(Fonte: IBGE, Censo de 1950, 1955, 1960 e 1965)

(Fonte: IBGE, Censo de 1950, 1955, 1960 e 1965)

(Fonte: IBGE, Censo de 1950, 1955, 1960 e 1965)

(Fonte: IBGE, Censo de 1950, 1955, 1960 e 1965)

(Fonte: IBGE, Censo de 1950, 1955, 1960 e 1965)

(Fonte: IBGE, Censo de 1950, 1955, 1960 e 1965)

(Fonte: IBGE, Censo de 1950, 1955, 1960 e 1965)

(Fonte: IBGE, Censo de 1950, 1955, 1960 e 1965)

(Fonte: IBGE, Censo de 1950, 1955, 1960 e 1965)

(Fonte: IBGE, Censo de 1950, 1955, 1960 e 1965)

(Fonte: IBGE, Censo de 1950, 1955, 1960 e 1965)

(Fonte: IBGE, Censo de 1950, 1955, 1960 e 1965)

(Fonte: IBGE, Censo de 1950, 1955, 1960 e 1965)

(Fonte: IBGE, Censo de 1950, 1955, 1960 e 1965)

(Fonte: IBGE, Censo de 1950, 1955, 1960 e 1965)

(Fonte: IBGE, Censo de 1950, 1955, 1960 e 1965)

(Fonte: IBGE, Censo de 1950, 1955, 1960 e 1965)

(Fonte: IBGE, Censo de 1950, 1955, 1960 e 1965)

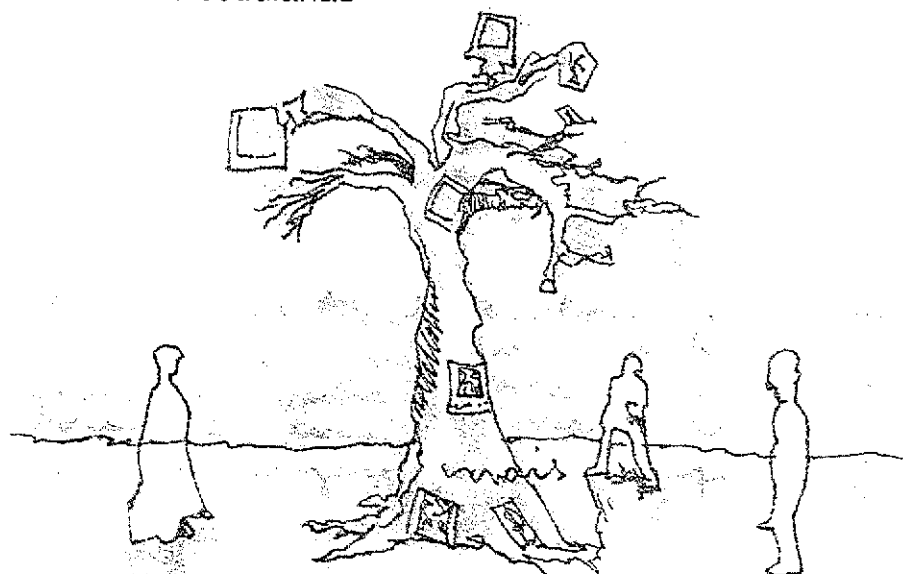


Identidade

Em tempos outrora
Crianças foram sem infante
Pois fizemo-nos homens temporão
No ardor do labutar
A esperança foi o guia
Da busca de conquistar
O que é nosso de direito
Trabalho, dignidade, respeito
Ao alcance da mãos
Pelas estradas percorridas
Mesmo havendo
Dificuldades e fadiga
Viemos de outras redondezas
Somos irmãos nordestinos
Consangüíneos
Alguns tão parecidos
As vezes confundidos
Temos as mãos calejadas
Das lutas cotidianas

Assim, fazemos parte do povo
Que na nossa unidade
Temos a diversidade
De ser igual e diferente
Feira menina/mulher
Em teu seio
Encontramos aconchego
E não mais te deixamos
Aqui o velho encontrou o novo
Mas se a modernidade chegou
Tua resistência não
Em conversar
Na sua natureza
A beleza sertaneja
De ser a princesa

*Poema elaborado pelo alunos-trabalhadores do
núcleo de Feira de Santana - CNQ / BA*





**Desenho elaborado por Evandro de Oliveira,
Aluno-trabalhador da Contracs -ES**

O retorno de José: uma história brasileira

Jorge Mattoso

José tinha 14 anos quando desembarcou de um *pau-de-arara* com sua família, no início dos anos 60, em São Paulo. Sua trajetória foi semelhante à de tantos outros brasileiros que vieram para o Sul atrás de trabalho. E o encontraram rapidamente.

Mesmo com poucos anos de escola, José logo começou a trabalhar. Inicialmente na construção civil como ajudante, depois como pedreiro. Ele viu os primeiros movimentos da ditadura militar enquanto levantava paredes, com os olhos assustados de quem ainda não se habituara com a *selva* da cidade grande. Não entendeu direito porque aconteceu o golpe militar, nem o que tinha perdido com isso.

Ainda em São Paulo, um amigo lhe ofereceu um emprego em uma metalúrgica no bairro do Brás. Era uma pequena empresa, mas o trabalho menos penoso que na construção e o salário um pouco maior. No entanto, José lia nos jornais afixados nas bancas que as

grandes empresas construtoras de automóveis, que haviam chegado à região da Grande São Paulo pouco antes que ele do Nordeste, continuavam a contratar peões e trabalhadores especializados. Resolveu fazer um curso no SENAI (Serviço Nacional de

Aprendizagem Industrial) e, depois, foi direto trabalhar em uma grande montadora na região do ABC paulista. Chegando ao ABC, casou-se com Mercedes em 1970. Ela ficou tomando conta da casa, que lentamente construíram, e dos três filhos que tiveram. Conjuntamente com outros colegas, José sindicalizou-se e compreendeu – primeiro na fábrica e no sindicato e, depois, no partido que ajudou a cuidar - o

significado da ação coletiva e a importância da democracia para os trabalhadores que desejam uma sociedade mais justa e humana. Mercedes ajudou em todos os momentos, a partir de sua inserção em movimentos eclesiais de base e de esquerda. Participaram jun-



tos das greves que pipocaram no ABC no final da década de 1970 e das lutas pela democratização da economia e da sociedade (contra a carestia, a recessão e pelas Diretas Já).

José e Mercedes olhavam com satisfação seus filhos crescerem com a possibilidade de estudar, abrindo melhores oportunidades de vida e trabalho do que eles haviam tido no passado. No entanto, José e Mercedes olhavam com misto de apreensão e alegria os descaminhos da política brasileira, que aprenderam a desvendar com a atividade coletiva no sindicato e no partido. De apreensão porque o fim da ditadura militar havia ocorrido sem maiores rupturas, legando à recente democracia uma extraordinária crise da dívida externa¹, inflação crescente, paralisia econômica e a permanência no poder dos mesmos de sempre. De alegria, porque viam que o Brasil, ainda que sem um claro projeto alternativo, havia na década de 1980 resistido às políticas neoliberais e preservado as estruturas produtivas da indústria e do mercado de trabalho. Mais ainda, porque viam seu partido crescer e consolidar a candidatura de outro trabalhador à presidência do Brasil, nas primeiras eleições livres a serem realizadas no País, em novembro de 1989. E, assim poderia o Brasil, finalmente, aliar crescimen-

to econômico a justiça social e distribuição de renda.

Poucos dias antes do segundo turno das eleições presidenciais de 1989, não se sabe ainda por quê José adormeceu e não mais despertou. Ficou assim quase dez anos quando, também sem se saber por quê, despertou sem alvoroço, de mansinho, como se nada tivesse passado em uma manhã de maio de 1999. Mas neste meio tempo muita coisa nova tinha se passado com o Brasil e com a família de José. Seu *retorno* foi intensamente festejado por sua mulher, por seus filhos e também pelos netos, familiares e amigos. Só depois das festas é que José foi se dando conta que parecia estar em outro mundo. Dez anos haviam se passado, mas não quaisquer dez anos.

O que primeiro chocou José foi a situação de sua família. Ele sempre havia acreditado que não poderia haver problema de emprego para seus filhos. Se ele - retirante nordestino e com poucos anos de escola - havia conseguido uma posição muito melhor do que seu pai, era natural para ele que seus filhos, com o estudo que tiveram, pudessem superar a sua situação.

Mercedes havia segurado a barra estes anos todos. A pensão de José só saiu algum tempo depois de seu *adormecimento*, e foi se corroendo ao



longo dos anos pelos ajustes que atingiram a Previdência. Mercedes sempre foi uma leoa e as duras penas manteve a casa (com manutenção precária, é verdade, para não dizer que quase caía aos pedaços quando José retornou) e os filhos na Escola.

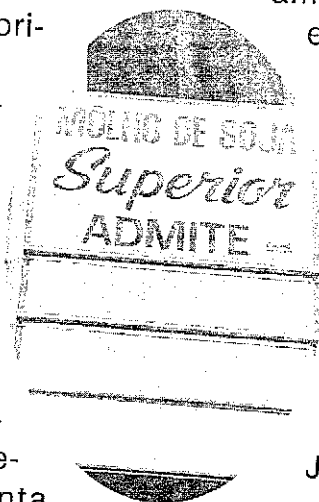
Fazia doces e vendia para os numerosos bares que abriam e fechavam no bairro com a mesma velocidade com que os colegas mais novos de José foram sendo demitidos das fábricas da região.

Os seus colegas mais velhos haviam conseguido se aposentar, mas tinham que, de alguma forma, buscar uma complementação de renda. Trabalhavam como taxistas, em botecos, vendiam suco ou o que pudessem. Porém, o que mais impressionou José é a situação dos que haviam sido demitidos com cerca de quarenta anos de idade. Ainda distantes da aposentadoria e sem trabalho fixo - e com poucas perspectivas de conseguir na profissão em que haviam sido treinados -, muitos deles, com o esgotamento do precário seguro-desemprego e de suas poupanças, perderam a esperança e foram se somar aos milhares de indivíduos que perambulam sem destino pelos grandes centros urbanos.

Seus três filhos terminaram a faculdade e casaram. O mais velho, que sempre ajudara a mãe com os doces,

conseguiu com esforço terminar o curso de engenharia elétrica e parecia encaminhado com o emprego que havia conseguido em uma grande multinacional. No entanto, um dos tantos processos de reengenharia cortou pela metade os postos de trabalho, entre os quais o dele. Vivia agora de bicos, de trabalhos temporários em pequenos projetos conseguidos por um amigo que ainda trabalhava em um escritório de engenharia. Sua esposa trabalhava como jornalista *free lance*. Sem garantia de renda e sem contribuir para a Previdência, não iriam poder contar com a aposentadoria. Apesar de o casal, às vezes, obter uma renda razoável, a instabilidade os obrigou a ficar com os dois filhos pequenos na casa de Mercedes e José.

A menina do meio, formada em computação, havia sido casada com um operário especializado de uma montadora, como seu pai. José teria tido prazer em conhecê-lo, mas seu casamento não suportou o desemprego do casal e o marido foi tentar a vida em outra cidade. Com a privatização da estatal em que trabalhava, foi demitida. Hoje, com ajuda de Mercedes, ela toma conta do filho e, com seu computador, tem conseguido algum trabalho em domicílio. No domicílio de José e Mercedes. Como seu irmão, tem um tí-



pico trabalho precário, não tem renda garantida e não contribui para a Previdência.

O filho mais novo de José se formou em economia há três anos e ainda não conseguiu emprego. Depois de alguns estágios realizados em empresas adquiriu experiência, mas não o suficiente, como se afirma no mercado de trabalho. É casado com uma bancária, que vem assegurando o sustento do casal e da filha no interior.

O retorno de José tem sido difícil. É difícil entender o que aconteceu. Ele sabe que sua família manteve-se unida e íntegra graças à garra de Mercedes durante todos esses anos. Mas não entende o que houve. Nem percebe a dimensão da gravidade do problema social vivido pelo País, com a profunda desestruturação produtiva² e os recordes históricos de desemprego e precarização das condições³ e relações⁴ de trabalho.

Com seus amigos sindicalistas, aposentados, desempregados ou não, e com sua família, tenta entender o que se passou nesta década de 1990. Ele se lembra de que pouco antes de *adormecer* falou-se na década de 1980 como uma década perdida. Mas como agora foi ficar muito pior, mais perdida ainda? Ele se lembra das esperanças depositadas pelos trabalhadores brasileiros na candidatura de um presidente trabalhador. Mas agora vê desânimo e desesperança, resultantes dessa desestruturação econômica, social e fa-

miliar que sucedeu à vitória de Collor e, depois, de Fernando Henrique Cardoso. Lembra-se do sociólogo encantador e bem falante que ele chegou a admirar durante o período de combate à ditadura. Mas com ele chegou a se aliar aos seus próprios verdugos para desestruturar a produção e o emprego nacional, para desmontar a nação em tão poucos anos? ■

MATTOSO, Jorge. *O Brasil desempregado: como foram destruídos mais de três milhões de empregos nos anos 90*. p. 5-8. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 1999.

¹ Com a elevação dos juros norte-americanos em 1979 e a posterior retração dos fluxos financeiros internacionais, o Brasil viu-se diante de uma crise que se estendeu pela década de 1980. As opções de política econômica adotadas (maximizando as exportações e retraindo o mercado interno) visavam assegurar o pagamento da dívida externa. O resultado foi uma década de estagnação e elevada inflação, sendo que o país, de absorvedor de recursos externos tornou-se um exportador líquido de divisas.

² Joseph Schumpeter, economista austríaco, apontou para a dialética capitalista da destruição criadora. No Brasil, da década de 1990, o saldo entre a destruição e a criação de empresas, setores, produtos e empregos tem sido claramente favorável à primeira, resultando em um processo de desestruturação produtiva.

³ Precarização das condições de trabalho - Aumento do caráter precário das condições de trabalho, com a ampliação do trabalho assalariado sem carteira e do trabalho independente (por conta própria). Esta precarização pode ser identificada pelo aumento do trabalho por tempo determinado, sem renda fixa, em tempo parcial, enfim, pelo que se costuma chamar de bico. Em geral, a precarização é identificada com a ausência de contribuição à Previdência Social e, portanto, sem direito à aposentadoria.

⁴ Precarização das relações de trabalho - processo de deterioração das relações de trabalho, com a ampliação da desregulamentação, dos contratos temporários, de falsas cooperativas de trabalho, de contratos por empresa ou mesmo unilaterais.



As Tecnologias estão em Movimento

Imagine o cruzamento de duas avenidas movimentadas com grande número de automóveis e de pedestres. Talvez sua cidade seja pequena: procure imaginar a avenida principal no centro com um movimento extraordinário de pessoas e carros.

Talvez você more num grande centro urbano. Basta voltar sua atenção para qualquer esquina movimentada da cidade. Agora, observe o movimento dessa esquina. Os carros passam com velocidade. As pessoas caminham pela calçada e um grande número delas pára na esquina, esperando a vez de atravessar a avenida. O sinal do semáforo muda do verde para o vermelho, os carros param; o semáforo dos pedestres muda de vermelho para verde e uma grande quantidade de pessoas atravessa, cruzando-se no meio da avenida. As cores mudam novamente. Os carros voltam a se movimentar. Um número crescente de pessoas volta a se acumular nas esquinas, esperando o momento de atravessar.

Esses movimentos se repetem várias vezes ao longo do dia, até que o fluxo de carros e pessoas diminua e a noite – de-

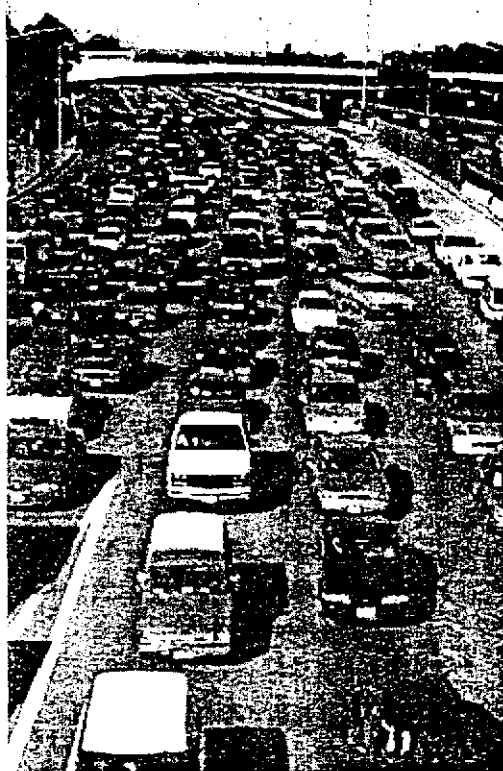
pendendo do tamanho da cidade em que nos encontramos – cele a solidão dos semáforos que acendem e apagam as luzes vermelha e verde num movimento monótono que já não parece ter significado.

Compare esse movimento da avenida

com o movimento de uma máquina que você conheça. Pode ser uma máquina de lavar roupas ou uma prensa automática. Pode ser o movimento do relógio cuco ou o do relógio da Igreja Matriz. Podemos também comparar com outros movimentos na cidade: o movimento nas escadas rolantes em um shopping, das pessoas nas filas dos caixas num grande supermercado ou num banco.

Há inúmeras situações que podemos comparar com a imagem que criamos da avenida. O que

essas situações têm em comum? Em todas, há movimento. Movimentos que se repetem. Movimento combinados com outros movimentos que também se repetem, seja de forma alternada – os automóveis andam e as pessoas param, os automóveis param e as pessoas andam – seja de forma progressiva, como na máquina de





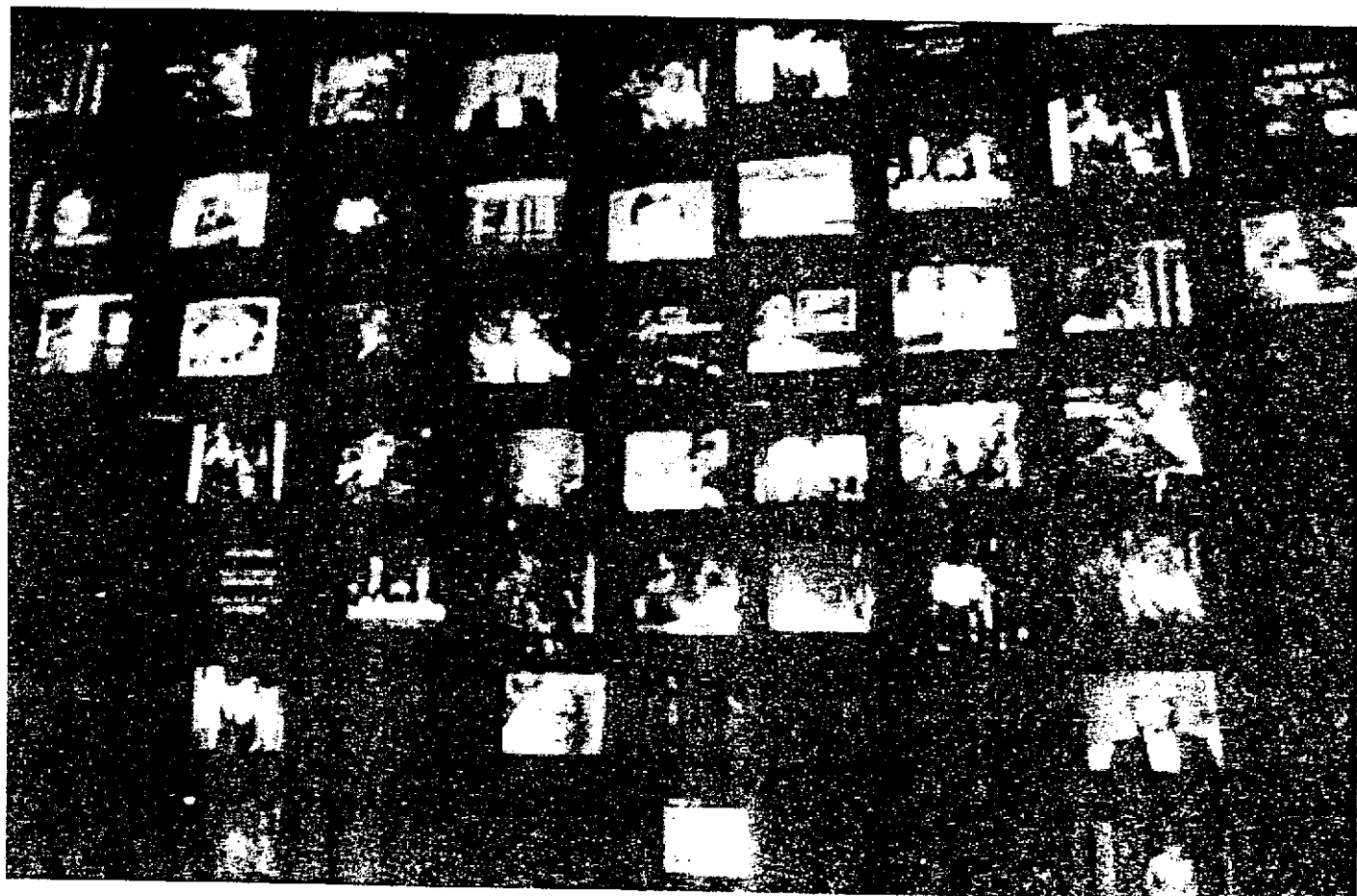
peessoas que decidem sobre elas, que fazem escolhas conscientes.

Nem sempre as tecnologias são vistas estáticas e passivas. Muitas vezes, a gente se revolta contra esses processos e busca modificá-los: é assim que nascem movimentos sociais, revoltas operárias. Voltemos à avenida – talvez você tenha vivenciado essa situação: em diferentes cidades, moradores da periferia já organizaram protestos contra sistema de trânsito próximo à vila onde moram (para que fosse instalada, por exemplo, uma passarela) por já ter causado uma série de mortes entre moradores da região. No setor operário, alguns sindicatos intervêm na

forma de organizar a produção ou na implantação de novos equipamentos. Há uma série de exemplos que poderiam ser citados e que você talvez tenha vivenciado e possa contar para seus colegas.

Neste curso, estaremos pensando nas tecnologias como algo que pode ser transformado por nós, através de ações coletivas que buscam enxergar de forma dinâmica as coisas que fazem parte do cotidiano – tecnologias, espaço, tempo e trabalho.

(Texto elaborado por Helena Bins Ely - socióloga e educadora da Escola Sindical São Paulo/CUT - para o Programa Integrar CNM/CUT)





Vida Severina em São Paulo

Bem esta vida Severina que me refiro, foi a que eu passei com minha família.

Minha mãe se casou jovem, teve duas filha. Vivíamos uma vida pobre mais diante de muitas famílias estávamos bem.

Até que meu pai começou a beber, e aí começaram todos os problemas, pois ele se tornou agressivo, batendo em mim, minha irmã e também em minha mãe.

Minha mãe não suportou e se separou, aí começou uma batalha nova e dura, pois minha mãe saía, de casa em casa, se oferecendo para passar, lavar, fazer faxina, mas aquele dinheiro mal dava para pagar aluguel. Vivíamos de doações de alimentos, roupas, sapatos, matérias escolares, etc...

E para piorar, a minha mãe começou a beber, talvez para não ver seu próprio destino. Recordo-me, ainda hoje, que havia no quintal tomateiros só que sem tomate. Colhíamos as folhas e minha mãe refogava para que fosse a nossa mistura. Lembro-me também do "mata fome", trigo, água e sal, que ela fritava como café da manhã, às vezes até como almoço ou jantar. Também quando colocava um plástico preto na janela do quarto para ficar escuro e não percebemos que era de manhã, pois assim não levantaríamos e pensaríamos que era noite para enganar a nossa fome.

Recordo-me de partes do que passei e isso me dói, não por mim, mas por minha mãe pelo que ela passou. Sei que muitas coisas ela fez o possível para que não percebêssemos e que a ainda guarda só para



ela. Talvez fosse a pessoa ideal para escrever "Vida Severina em São Paulo."

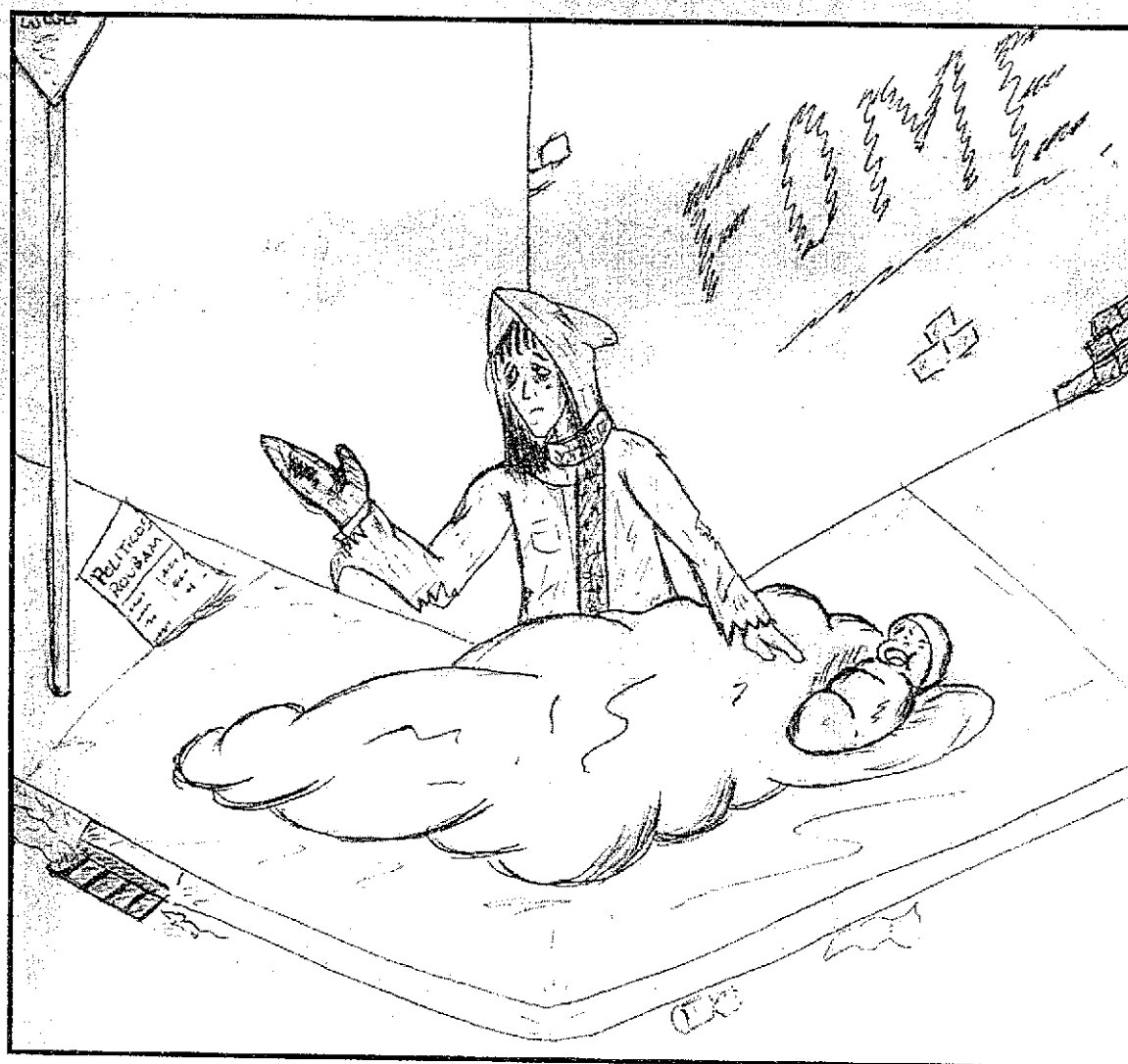
Hoje, graças a Deus, tudo mudou, ou quase tudo, pois as lembranças e o alcoolismo ainda andam ao lado de minha mãe.

Apesar da água, plantações, indústrias e toda a popularidade de São Paulo muitos viveram e vivem a "Vida Severina".

Elaborado por Marília, aluna trabalhadora do Núcleo da CNTT-São Paulo



Severinos ... Severinas



Em todo lugar, em todo o mundo, há Severinos, há Severinas, pessoas vividas, pessoas sofridas, mas contudo dignas; Muitas já trabalharam com ardor, e hoje só contemplam o terror, a fome e a dor e um calado e sofrido amor... Amor que os faz viver e continuar mesmo sorrindo com o sofrer, o sofrer de um viver... Um viver Severino

Trabalho elaborado por Elza de F. Bergmann, Aluna-trabalhadora do núcleo de Ponta Grossa - PR Contac



Homenagem a João Cabral de Melo Neto



João é o nome de muitos
Cabral, o Brasil descoberto
Melo de sua mãe Severina
De seu avô paterno Neto

Ele quis que a gente compreendesse
Do Nordeste, o sofrimento
Onde o pai foi um coronel
Para nós o entendimento

Onde a mãe era Maria
Muitos filhos ela via
Do ventre poucos existiam
Na serra da costela ela não entendia

Muitas emboscadas existiam
Para obter uma sesmaria de terra
Zacaria era seu finado pai
Que lutou pela posse da serra

Ossuda é o nome da seca
O que passava era sua sina
Suportou e viveu o limite
É uma força que domina

Teve grande passagem no tempo
Viu muita família sofrer
Quando disse, tantas Marias
Relatou para nós ao escrever

Ele contou sua história
Do que viu na freguesia
Tendo o povo emigrado
Se ficasse de fome morria

Muitos sofrem sem nascer
A cabeça não equilibra o corpo
De fraqueza e doença
Deixa o esqueleto torto

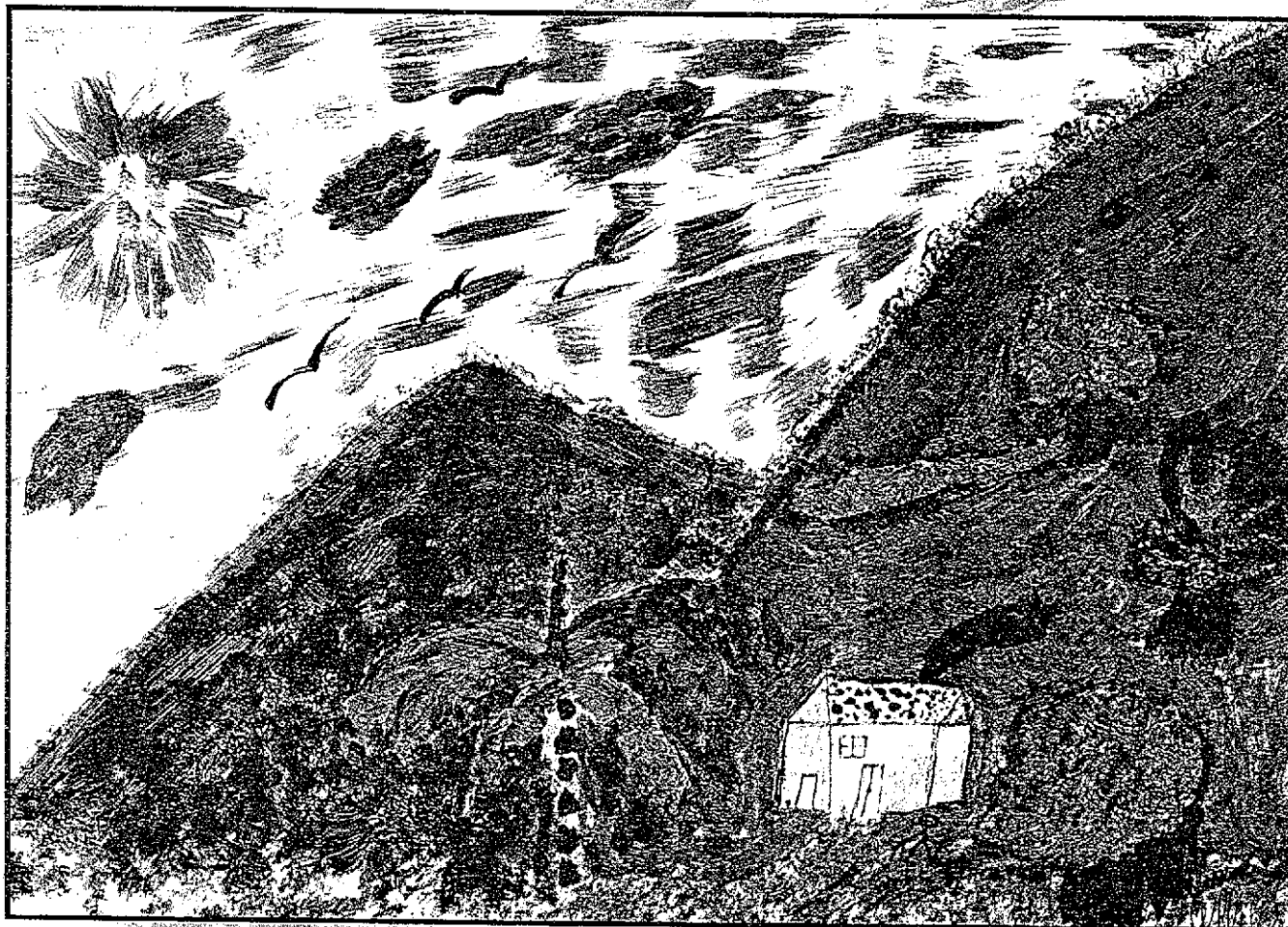
Se você pudesse um dia
Conhecer o que é o sertão
João de tristeza explica
É de doer o coração

As mães sofrem com a dor
De ver seus filhos inocentes
Sem ter nada para comer
Não tem força para nascer os dentes

Este povo ainda tem alegria
Em Deus eles confiam
Amigo! Eles plantam no chão ardente
E esperam colher um dia

Precisamos de uma força política
Que os governantes possam entender
Do Brasil, as crianças, o futuro
Onde essa gente possa defender

Aqui termino esse relato
Quero que entenda, leitor amigo
O que o retirante explica
Ao ver seu povo sofrido



**Desenho elaborado por Neide Faria Lopes,
aluna-trabalhadora no núcleo de Sertãozinho - SP - Contac**



Qualificação e requalificação: a serviço de quem?

Maristela M. Bárbara



O discurso de que as novas formas de produção exigem um trabalhador cada vez “mais instruído”, “mais qualificado” e assim, “superior”, é uma afirmação quase universalmente aceita na fala popular e acadêmica. Apesar de estes termos serem vagos e imprecisos, atualmente são utilizados como se houvesse consenso na compreensão do que significam.

O tempo necessário para um trabalhador aprender operar uma máquina sofisticada pode ser umas poucas semanas e o trabalhador passa a ser considerado mais qualificado que um outro trabalhador que possui outros saberes, construídos ao longo da vida, isto porque a valorização da qualificação está sempre atrelada às necessidades momentâneas do mercado, desta maneira, não traz qualquer garantia de emprego para o trabalhador que tenta acompanhar tais evoluções.

Esta definição cambiante do que é estar qualificado faz com que o trabalhador fique sem referência sobre o que é preciso fazer para garantir seu lugar. *“O que se deixa aos trabalhadores é um conceito reinterpretado e dolorosamente inadequado de qualificação: uma habilidade específica, uma operação limitada e repetitiva, ‘a velocidade como qualificação’, ...hoje o trabalhador é considerado como possuindo uma ‘qualificação’ se ele ou ela desempenham funções que exigem uns poucos dias ou semanas de preparo”* (Braverman, 1987, p.375).



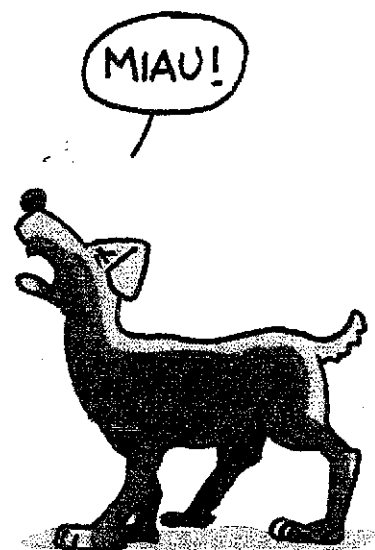
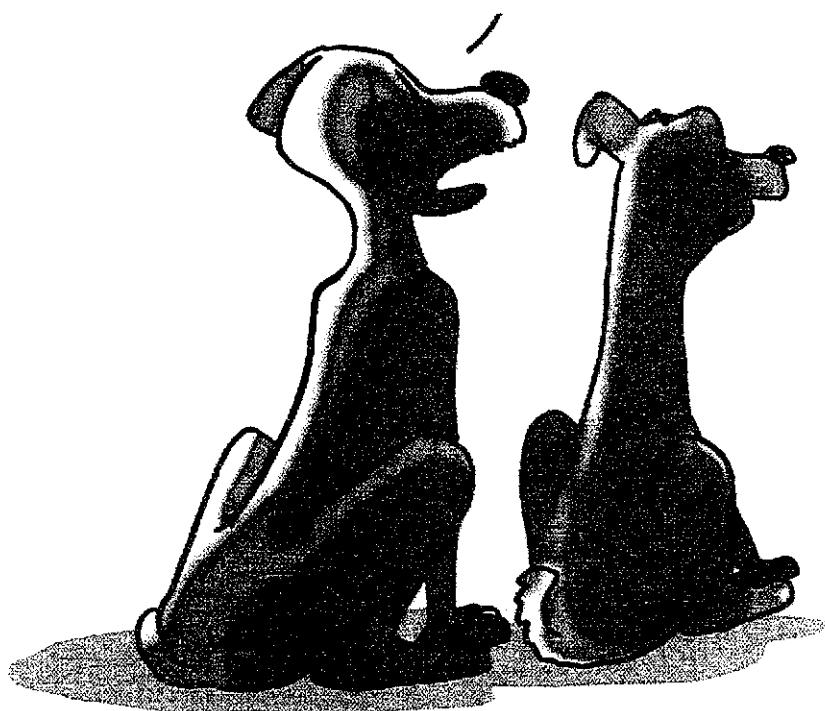
Qualificação

maringoni





ELE ESTÁ
ESTUDANDO LÍNGUAS
PARA SE QUALIFICAR.



Manikoni